

Luz, câmera e ação: *expressões artísticas como instrumento transformador, uma experiência no Instituto Federal de Santa Catarina*

Light, câmera, action:
*artistic expressions as a transformation tool, an experience at the Federal
Institute of Santa Catarina*

Luz, cámara, acción:
*las expresiones artísticas como instrumento transformador, una experiencia en
el Instituto Federal de Santa Catarina*

 ROSE FERNANDES DE SOUZA *

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense, Camboriú-SC, Brasil.

 ALEXANDRE VANZUITA **

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense, Camboriú-SC, Brasil.

 DURLEI MARIA BERNARDON REBELATTO ***

Instituto Federal de Santa Catarina, Itajaí-SC, Brasil.

 MICHELE SILVA VALADÃO ****

Instituto Federal de Santa Catarina, Itajaí-SC, Brasil.

RESUMO: O presente relato narra as experiências intrínsecas do projeto de ensino *Ser ou não ser, eis a questão: o teatro chegou ao Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), campus Itajaí, como uma ação de permanência e*

* Mestra em Educação e Assistente de Alunos no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, campus Itajaí. E-mail: <rose.fernandes@ifsc.edu.br>.

** Doutor em Educação, professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico e do Programa de Pós-graduação em Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense, campus Camboriú. E-mail: <alexandre.vanzuita@ifc.edu.br>.

*** Mestrado em Educação e pedagoga do Instituto Federal de Santa Catarina, campus Itajaí. E-mail: <durlei.rebelatto@ifsc.edu.br>.

**** Graduação em Serviço Social e assistente social no Instituto Federal de Santa Catarina, campus Itajaí. E-mail: <michele.valadao@ifsc.edu.br>.

êxito. O projeto teve como público-alvo estudantes dos cursos técnicos integrados ao ensino médio do campus Itajaí e surgiu de uma reflexão sobre a necessidade de ações pedagógicas que favorecessem a compreensão da realidade social dos/das estudantes, auxiliando no processo de pertencimento ao espaço escolar. As ações foram orientadas à luz da Pedagogia Histórico-Crítica, resultando em uma peça teatral pautada em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus. Os resultados indicam a relevância de ações pedagógicas transformadoras que favoreçam o protagonismo discente, o sentimento de pertencimento à instituição educacional e o fomento de um trabalho pedagógico multiprofissional e interdisciplinar.

Palavras-chave: Ações pedagógicas. Ensino. Pedagogia Histórica-Crítica. Quarto de despejo.

ABSTRACT: This report presents the intrinsic experiences of the teaching project called *To be or not to be, that is the question: theater has come to the Federal Institute of Santa Catarina (IFSC), Itajaí campus, as an action of permanence and success*. The project's target audience was students from technical courses integrated into high school at the campus in Itajaí and started from a reflection on the need for pedagogical actions that favored the understanding of the students' social reality, helping in the process of belonging to the school space. The actions were oriented in the light of Historical-Critical Pedagogy, resulting in a play based on the book *Quarto de despejo: diário de uma favelada* [*Child of the Dark: The Diary of Carolina Maria de Jesus*] by Carolina Maria de Jesus. The results indicate the relevance of transformative pedagogical actions that favor student protagonism, the sense of belonging to the school and the promotion of a multidisciplinary and interdisciplinary pedagogical work.

Keywords: Pedagogical actions. Teaching. Historical-Critical Pedagogy. Child of the dark.

RESUMEN: Este informe narra las experiencias intrínsecas del proyecto docente *Ser o no ser, esa es la cuestión: el teatro llegó al Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), campus de Itajaí, como acción para la permanencia y el éxito*. El público blanco del proyecto eran estudiantes de cursos técnicos integrados a la enseñanza secundaria en el campus de Itajaí y surgió de una reflexión sobre la necesidad de acciones pedagógicas que

favorecieran la comprensión de la realidad social de los/las estudiantes, ayudando en el proceso de pertenencia al espacio escolar. Las acciones se orientaron a la luz de la pedagogía histórico-crítica, resultando una obra teatral basada en *Quarto de despejo: diário de uma favelada* [*Cuarto de desechos: diario de una favelada*] de Carolina Maria de Jesus. Los resultados indican la relevancia de acciones pedagógicas transformadoras que favorezcan el protagonismo de los/las estudiantes, el sentimiento de pertenencia a la institución educativa y la promoción de un trabajo pedagógico multidisciplinario e interdisciplinario.

Palabras clave: Acciones pedagógicas. Docencia. Pedagogía Histórico-Crítica. Cuarto de Desechos.

Introdução

Iniciamos nosso percurso reflexivo considerando o que Dermeval Saviani nos aponta ao afirmar “que a importância política da educação reside na sua função de socialização do conhecimento. É realizando-se na especificidade que lhe é própria que a educação cumpre sua função política” (SAVIANI, 2011, p. 26), isto é, apropriando e difundindo os conhecimentos historicamente construídos pela humanidade, saberes referentes a natureza, cultura, conceitos, ideias, valores e símbolos. Tais saberes constituem a condição essencial para a formação de seres humanizados/as, voltados/as para outra concepção de mundo, capazes de compreender, aprofundar e ampliar a reflexão crítica da escola e da sociedade.

Partindo desse pressuposto, objetivamos com este relato de experiência narrar, reflexivamente, as experiências intrínsecas às ações do projeto de ensino: *Ser ou não ser, eis a questão: o teatro chegou ao Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), campus Itajaí, como uma ação de permanência e êxito*. Por meio desse projeto, buscamos fomentar uma práxis pedagógica transformadora, a fim de favorecer o sentimento de pertencimento dos/das estudantes ao ambiente escolar e oportunizar experiências pedagógicas por meio de expressões artísticas como a dramatização, a música, a dança e o desenvolvimento do protagonismo estudantil.

Nesse sentido, compreendemos a epistemologia da palavra práxis como uma articulação sintética entre a teoria e a prática (SAVIANI, 2011). Dessa articulação emana um movimento contínuo que nos orienta, enquanto educadores/as, a transitar e conduzir os/as estudantes a novas percepções de mundo em seus variados contextos, com vistas a possibilitar que outros horizontes se descortinem por meio de práticas educacionais criadoras e transformadoras. José Clóvis Azevedo e Jonas Reis consideram que “novas

práticas pedagógicas podem ser elaboradas a partir da realidade dos educandos e dos professores, pois ambos são na essência construtores do conhecimento da realidade” (AZEVEDO & REIS, 2014, p. 96).

Compreendemos, assim, que a arte de aprender se distancia de uma prática educacional restrita à aquisição de saberes em sala de aula. Tampouco pauta-se por um processo linear, racional e tecnicista, visto que aprender não é somente o acúmulo do conhecimento adquirido, e sim o movimento de desalienação do indivíduo, de ampliação da sua compreensão e assimilação do mundo em seu contexto historicamente contraditório.

Posto isso, faz-se mister ir além, quebrar paradigmas e favorecer o espaço escolar como um lugar de memórias vivas, práticas inventivas e questionadoras, que corroborem para a valoração e o reconhecimento das experiências que os/as estudantes trazem de outros espaços de formação não escolarizados, ou seja, que dialoguem com sua realidade social, familiar, histórica e cultural. Tais experiências ocorrem no palco dialético da vida real, são experiências que podem ser ressignificadas e problematizadas por meio de expressões artísticas dentro e fora dos muros escolares.

As expressões artísticas auxiliam no processo de representação e interpretação das realidades que permeiam o cotidiano dos indivíduos e, nesse sentido, corroboramos a proposição de Georg Lukács ao afirmar que os modos de interpretação da realidade “não surgem jamais de uma dialética imanente das formas artísticas [...]. Todo novo estilo surge como uma necessidade histórico-social da vida e é um produto necessário da evolução social” (LUKÁCS, 1965, p. 53). Sob essa perspectiva, compete a educadores/as o planejamento, a promoção e a orientação de práticas que favoreçam o espírito criativo, o encorajamento e o protagonismo estudantil oportunizado por meio da arte expressa (CORREIA, 2009).

Tal afirmação encontra-se alinhada aos aspectos basilares da Pedagogia Histórico-Crítica – PHC, na qual se fundamentou o Projeto Político Institucional do Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC, que acolhe como pressuposto o compromisso com a prática social de uma educação transformadora (IFSC, 2020). Nesse sentido, a PHC busca trabalhar na perspectiva de um saber sistematizado que conduza os/as estudantes a realizar conexões entre seu contexto social e seu universo escolar. “Portanto, uma ação pedagógica engajada tem a missão de desenvolver de modo totalizante as atitudes humanas que vão além do contexto escolar, reverberando no contexto ético e político da vida social” (JESUS, SANTOS & ANDRADE, 2019, p. 80-81).

A partir desse contexto, orientamos as ações do projeto, tomando por base a obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*¹, de Carolina Maria de Jesus. Justificamos a escolha por considerarmos que as questões sociais esboçadas pela autora – como racismo, fome, violência, estrutura e conflitos familiares, ausência de políticas públicas, sobretudo as que deveriam ser destinadas às populações periféricas – inserem-se direta e indiretamente no cotidiano escolar. Desse modo, compreendemos que suas abordagens podem

ser trabalhadas na perspectiva de se pensar criticamente acerca das questões sociais que implicam nas dificuldades relacionadas à permanência e êxito dos/das estudantes.

O livro retrata a árdua vida de Carolina Maria de Jesus, mulher negra, mãe, descendente de escravizados/as, moradora da extinta favela do Canindé – por conseguinte, marginalizada –, que sobreviveu catando papéis nas ruas de São Paulo e lutando diariamente contra a fome e a miséria que a atingiam. Ao voltarmos nossos olhares para esse contexto de desigualdades que ainda afeta grande parcela da população brasileira, constatamos que o *Quarto de despejo: diário de uma favelada* dialoga com nossa realidade contemporânea, denuncia o descaso do poder público para com os/as marginalizados/as, retratando o oportunismo político dos/das que se utilizam da pobreza para criar seu palco discursivo demagógico.

Desse modo, a obra escolhida é muito mais que uma narração da vida cotidiana de Carolina de Jesus, pois anuncia uma importante crítica social, evidenciando por meio de expressões artísticas o retrato de um Brasil paradoxal, resultante dos processos orquestrados pelas demandas do capital e pela hegemonia burguesa que, indiscriminadamente, empurram milhares de pessoas para a pobreza e a invisibilidade. Urge desenvolver uma práxis pedagógica transformadora, por meio de uma obra literária produzida por uma mulher negra que problematiza as desigualdades que incidem sobre os indivíduos historicamente excluídos, uma vez que a obra da autora permanece viva e o seu legado reverbera mundo afora.

Trata-se, portanto, de abordar no espaço escolar a práxis decolonial, questionadora e reflexiva, que emana da literatura encarnada na dramatização como forma de expressão da realidade. Lukács (1965) considera a existência relacional entre o teatro e a literatura, uma vez que ambos acompanham o desenvolvimento da sociedade, evidenciando aspectos da experiência humana, tornando-se, por conseguinte, recursos didático-pedagógicos no contexto educacional.

A partir desses pressupostos, apresentamos na sequência os procedimentos metodológicos de planejamento e desenvolvimento do projeto de ensino. Refletiremos sobre as ações desenvolvidas como possibilidade de uma abordagem pedagógica criadora, a partir da realização de cinco oficinas temáticas que, pedagogicamente orientadas, serviram como base para a construção coletiva de uma peça teatral.

Nos resultados e discussões, desenvolvemos a descrição qualitativa e analítica dessa prática pedagógica. Para tal, aplicamos um formulário eletrônico enviado para alunos/as, professores/as e membros da equipe executora do projeto. Com base nas respostas recebidas e em articulação com a proposta do projeto de ensino, estruturamos três categorias de análise, interpretadas à luz da Pedagogia Histórico-Crítica, a saber: i) relação entre o compromisso social do IFSC, a realidade e desigualdades sociais; ii) a práxis pedagógica formativa; iii) a arte como instrumento de abordagens pedagógicas transformadoras.

Partindo das reflexões pautadas pelas categorias de análise, os resultados apontam para a relevância de ações pedagógicas transformadoras que favoreçam o protagonismo discente, o sentimento de pertencimento à instituição educacional e o fomento de um trabalho pedagógico multiprofissional e interdisciplinar. Consideramos que, com a leitura deste relato de experiência, novos caminhos possam ser construídos e reelaborados, no sentido de um fazer pedagógico transformador, possibilitando a (re)construção do conhecimento.

Procedimentos metodológicos: luz, câmera e ação

*É triste a condição do pobre na terra
Rico quer guerra
Pobre vai na guerra
Rico quer paz
Pobre vive em paz
Rico vai na frente
Pobre vai atrás (JESUS, 1961, grifo nosso).*

Com o intuito de refletirmos sobre as desigualdades anunciadas nas estrofes da canção que abre esta seção – desigualdades compreendidas como fatores que implicam na condição de permanência e êxito dos/das estudantes – firmamos, após a realização da semana de atividades pedagógicas realizadas em 2018 no IFSC campus Itajaí, um compromisso para a realização de um trabalho multiprofissional e interdisciplinar que buscasse favorecer, por meio das expressões artísticas, o protagonismo estudantil e o sentimento de pertencimento dos/das estudantes à instituição escolar. A proposta do projeto foi inicialmente discutida entre professores/as (de áreas técnicas e formação geral) e técnicos/as administrativos/as em educação – TAEs atuantes na coordenadoria pedagógica, secretaria acadêmica e comissão local de permanência e êxito do campus.

Como resultado desse trabalho, elaboramos o projeto de ensino *Ser ou não ser, eis a questão: o teatro chegou ao Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), campus Itajaí, como uma ação de permanência e êxito*. O projeto foi aprovado e subsidiado pelo edital de curta duração (três meses) da Pró-reitoria de Ensino do IFSC – Proen; em outubro de 2018, iniciamos as atividades. Cabe destacar que ao fim do período de subsídio, estudantes e servidores/as sentiram-se motivados/as a dar prosseguimento às atividades do projeto de forma voluntária. Essas ações estenderam-se até setembro de 2019.

Os procedimentos adotados para o planejamento e o desenvolvimento das atividades foram pautados pela perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica, alinhando-se à concepção educacional do IFSC, que afirma a construção de um saber articulado entre o conhecimento escolar pedagógico e os saberes dos/das estudantes. Nesse sentido, as

atividades descritas na sequência demonstram a participação ativa de todos/as os/as envolvidos/as no projeto, com o intuito de favorecer o espírito coletivo de aprendizagem.

Participaram do projeto os/as estudantes do ensino médio integrado, matriculados/as nos cursos técnicos em Recursos Pesqueiros e Mecânica ofertados no IFSC campus Itajaí. Ao todo, 49 estudantes, entre 14 e 17 anos, se inscreveram para participar do projeto. No decorrer das atividades, tivemos uma média de 20 participantes por encontro, que acontecia no contraturno das aulas dos cursos integrados.

As atividades pedagógicas do projeto de ensino foram planejadas e desenvolvidas por servidores/as e estudantes com conhecimentos acerca dos temas propostos, sendo a equipe proponente composta por 17 membros, a saber: quatro estudantes bolsistas, três docentes e dez técnicos/as administrativos em educação, o que possibilitou a realização de um trabalho multifacetado, dinâmico, interdisciplinar e autoformativo. Por meio da perspectiva interdisciplinar, o diálogo com quem pensa diferente ocorreu dinamicamente, ao passo que a escuta do/da outro/a oportunizou o processo contínuo de uma aprendizagem compartilhada e contextualizada (WEIGERT, VILLANI & FREITAS, 2005).

Para a construção do trabalho, organizamos metodologicamente cinco oficinas pedagógicas: i) oficina de linguagem corporal; ii) oficina literária; iii) oficina de canto e música; iv) oficina de dança e coreografia; v) oficina de iluminação. As oficinas objetivaram propiciar aos/as envolvidos/as momentos de troca de saberes, experiências vividas, valorização do trabalho coletivo e o autoconhecimento pessoal e corporal.

Para o planejamento e a realização das oficinas, bem como para a elaboração e a montagem da peça teatral, consideramos os recursos que tínhamos em mãos: o palco do auditório do campus, instrumentos como violões doados ou emprestados por professores/as e uma bateria reciclada, equipamentos de iluminação, som e multimídia, um figurino improvisado, colchonetes utilizados nas aulas de Educação Física, roupas em desuso e caixotes de feira. Todos esses recursos deram forma e vida ao figurino e ao cenário que, pensados de forma colaborativa, possibilitaram aos/as participantes, nos momentos de ensaio, transportarem-se para a realidade narrada por Carolina Maria de Jesus durante sua vivência na favela do Canindé.

Para a montagem do cenário foram realizadas pesquisas sobre a autora, utilizando como fontes de investigação o livro *Quarto de despejo* e material *online* evidenciando a realidade espacial em que ela estava inserida. A pesquisa nos permitiu imaginar um cenário o mais próximo possível das narrativas de Carolina de Jesus: “Cheguei na favela: eu não acho jeito de dizer cheguei em casa. Casa é casa, barraco é barraco” (JESUS, 2014, p. 47).

Com o cenário montado, foram iniciadas as atividades a partir da oficina de linguagem corporal. Essa ação buscou explorar a comunicação não verbal, com vistas a favorecer a comunicação por meio de gestos, expressões de sentimentos, apropriação do corpo como instrumento comunicativo e meio de autoconhecimento. A linguagem corporal envolve a problematização acerca da expressividade de signos e enunciados, à medida

que provoca mudanças decorrentes de um processo que conduz à reflexão sobre aspectos culturais e sociais (GEHRES, BONETTO & NEIRA, 2020).

Nessa mesma direção, realizamos a oficina literária com base em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, dando vida à peça teatral, ápice do projeto. Essa oficina objetivou a reflexão crítica sobre a obra de Carolina de Jesus, evidenciando a realidade brutal da desigualdade social presente no país e a dura vida a que é submetida à maioria da população brasileira, marginalizada pela sociedade hegemônica, pois “o pobre não repousa. Não tem o privilégio de gozar de descanso” (JESUS, 2014, p. 12).

A partir de tais apontamentos, a oficina literária adotou como metodologia a apresentação expositiva, dialogada e reflexiva do livro e de artigos e vídeos sobre a biografia da escritora. Além disso, a literatura (auto)biográfica passou a exercer nos/nas participantes seu processo de metamorfose, conduzindo-os/as a refletirem sobre seus próprios contextos. Foram selecionados alguns excertos do diário de Carolina de Jesus para a construção do roteiro da peça teatral, como o que se observa na sequência:

Para mim, o mundo em vez de evoluir está retornando à primitividade. Quem não conhece a fome há de dizer: “Quem escreve isto é louco”. Mas quem passa fome há de dizer: – Muito bem, Carolina. Os gêneros alimentícios deve ser ao alcance de todos. Como é horrível um filho comer e perguntar: “Tem mais?” Esta palavra “tem mais” fica oscilando dentro do cérebro de uma mãe que olha nas panelas e não tem mais [...]. Quando um político diz nos seus discursos que está ao lado do povo, que visa incluir-se na política para melhorar as nossas condições de vida, pedindo nosso voto prometendo congelar os preços, já está ciente que abordando este grave problema ele vence nas urnas. Depois divorcia-se do povo. Olha para o povo com os olhos semi-cerrados. Com um orgulho que fere a nossa sensibilidade (JESUS, 2014, p. 38).

Impactados por fragmentos de tamanha profundidade reflexiva, o roteiro da peça foi se estruturando; na sequência, realizamos uma audição entre os/as interessados/as pelo teatro, a fim de definir qual papel cada estudante assumiria na apresentação artística. Nessa etapa, os textos selecionados abordavam processos dialéticos que permeiam a sociedade, como o racismo estrutural, a violência contra a mulher e outras formas de discriminação e preconceito. Assim, os/as estudantes puderam interpretá-los livremente, com autonomia e criatividade e, através de sua voz e corporeidade, transmitirem a mensagem pretendida. Objetivamos conduzir os/as participantes a refletir criticamente sobre a importância do teatro como instrumento de “luta contra as civilizações ameaçadoras, as tradições mortas e os desequilíbrios perigosos” (FRAGOSO, 2004, p. 352).

Nessa mesma lógica, a oficina de canto e música objetivou conduzir os participantes a novas percepções sobre a utilização da música como forma de expressão artística e manifestação de ideias acerca das realidades sociais. A música tem um poder transformador, age nas memórias, nas emoções, nos sentimentos e na própria história de vida dos indivíduos. Josiane Maltauro (2016) destaca que a música faz parte do cotidiano do ser

humano e, no contexto da educação profissional, é possível recorrer a um repertório que se aproxime da realidade dos/das estudantes, levando-os/as a questionamentos e reflexões que contribuam para o seu desenvolvimento humano e pedagógico.

Como resultado dessa oficina, estudantes e servidores/as escolheram para a abertura e o encerramento da peça teatral a música *Olhos coloridos*, de Macau (Osvaldo Rui da Costa), considerada um símbolo de resistência do povo negro: “*Você ri da minha roupa / Você ri do meu cabelo / Você ri da minha pele / Você ri do meu sorriso*” (MACAU, 2003, grifo nosso). Essa música tem sua gênese na violência policial sofrida pelo próprio autor, vítima de racismo enquanto participava de uma exposição escolar no estádio do Remo, no Rio de Janeiro. A contextualização da origem da música ocorreu para permitir que os/as estudantes refletissem sobre questões étnico-raciais e preconceitos estruturalmente enraizados em nossa sociedade. Com a música escolhida e problematizada, os/as participantes realizaram diversos ensaios e criaram arranjos próprios para a canção, adaptando-a para a dramatização.

A quarta oficina temática desenvolveu a dinâmica de dança e coreografia, com vistas a favorecer o desenvolvimento do corpo para expressar sentimentos, contribuir para o autoconhecimento, redução de stress, exploração da criatividade e proximidade com diversos gêneros musicais. “A dança entre adolescentes, carrega uma história marcada por identidades e diferenças. História de vida que é contada através de movimentos que dançam e brincam em diferentes cenários” (KROPENISCKI & KUNZ, 2020, p. 11). Da oficina surgiu a ideia de incorporar à peça de teatro as coreografias das músicas *Canto das três raças*, de Paulo César Pinheiro e Mauro Duarte, *O pobre e o rico*, de Carolina Maria de Jesus, e o *Rap da felicidade*, de MC Cidinho (Sidney da Silva) e MC Doca (Marcos Paulo de Jesus Peixoto). Essa atividade proporcionou aos/as estudantes a ampliação de seus universos culturais, uma vez que a escola se insere num contexto social em que desempenha um papel fundamental na troca de saberes.

A escolha do *Rap da felicidade*, por exemplo, perpassou a proposta de discutir e desmarginalizar a música que surge nas periferias como forma de protesto de povos invisibilizados ao longo da história, como nos sugerem as estrofes “*Eu só quero é ser feliz / Andar tranquilamente na favela onde eu nasci, é / E poder me orgulhar / E ter a consciência que o pobre tem seu lugar*” (SILVA & PEIXOTO, 1994, grifo nosso).

A quinta e última oficina focou a utilização de equipamentos de iluminação voltados para a dramatização artística, contribuindo para o conhecimento acerca da ampliação das emoções que os efeitos de luz podem trazer às cenas interpretadas. Laura Figueiredo (2020) aponta que a luz cênica proporciona uma estética peculiar nas dramatizações, e os efeitos de iluminação lançados sobre os corpos, sobre o palco e sobre a cena da vez podem se transformar em novas experiências tanto para quem interpreta quanto para quem assiste ao espetáculo.

Com base na aprendizagem obtida nas oficinas, os/as estudantes e servidores/as iniciaram os ensaios para a estreia – cuidadosamente planejada por seu simbolismo e representatividade – no dia 20 de novembro de 2018, dia da Consciência Negra. A apresentação, com duração de aproximadamente 40 minutos, foi realizada no auditório do campus Itajaí em dois horários. Ao todo, 270 espectadores/as assistiram à apresentação artística nessa data.

Após a primeira apresentação, e considerando a grande repercussão da peça, outras sessões foram realizadas: em 21 de novembro de 2018, no encontro de membros da Associação dos Municípios da Foz do Rio Itajaí – AMFRI; em 25 de abril de 2019, no IFSC campus Gaspar, como parte da programação da Semana do Meio Ambiente; em 04 de junho de 2019, no evento do IFSC intitulado *Reitoria Itinerante*, que ocorreu no Mercado Público de Itajaí; em 06 de setembro de 2019, reapresentação da peça para as mulheres apenadas do presídio feminino² de Itajaí, no auditório do campus; a última apresentação ocorreu em Florianópolis, no dia 10 de setembro de 2019, durante a Reunião dos Dirigentes dos Institutos Federais – Reditec. Cabe ainda destacar que, além das apresentações artísticas, o projeto resultou na produção científica de um resumo expandido, que foi submetido, aprovado e apresentado no VI Seminário de Ensino, Pesquisa, Extensão e Inovação do IFSC, realizado entre os dias 30 de julho e 1º de agosto de 2019.

Após a realização dessas ações, consideramos pertinente avaliar as atividades do projeto de ensino, captando as percepções dos/das envolvidos/as diretamente com o projeto e dos/das estudantes e servidores/as que assistiram à peça. Para tal, aplicamos no início do primeiro semestre de 2020, um formulário eletrônico, contendo um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, uma questão para fins de identificação e um campo sem limitação de caracteres para que os/as respondentes pudessem discorrer livremente acerca de suas percepções sobre o projeto e a apresentação da peça. Ao todo, 14 pessoas responderam o formulário: cinco membros da equipe executora (dois/duas alunos/as bolsistas, dois/duas técnicos/as administrativos/as em educação e um docente); seis respondentes que apenas assistiram à peça (um estudante, um técnico administrativo em educação e quatro docentes); e, por fim, três respondentes alunos/as que participaram da peça voluntariamente, ou seja, não possuíam vínculo como bolsistas.

Desse modo, a partir dessa parte do texto, a fim de preservar o anonimato dos/das participantes da pesquisa, denominamos os/as respondentes como Participante 1, Participante 2 e assim sucessivamente. Outrossim, à luz da Pedagogia Histórico-Crítica e com base nas respostas do formulário eletrônico, elaboramos três categorias de análise que serão discutidas na próxima seção: i) relação do compromisso social do IFSC com a transformação da realidade e a redução das desigualdades sociais; ii) a práxis pedagógica formativa; iii) a arte como instrumento de abordagens pedagógicas transformadoras.

Consideramos que a definição das categorias elencadas evidencia e sintetiza os principais resultados observados no desenvolvimento do projeto e, embora analisadas

separadamente, articulam-se. O compromisso social do IFSC tem sua essência no movimento incessante da ação-reflexão-ação, ao passo que a arte se mostra como potencializadora de uma práxis pedagógica pensada e vivida no chão da escola e para além dela.

Análise e discussão dos resultados

Na perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica, concordamos com a ideia de que uma ação pedagógica será muito mais educativa e consistentemente desenvolvida quando estimulada pelo questionamento das realidades que permeiam o mundo, a partir da crítica reconstrutiva e teorizada, propondo, assim, uma práxis transformadora (SAVIANI, 2011). Partindo desse entendimento e compreendendo que o compromisso social do IFSC pauta-se no reconhecimento das diferenças históricas, culturais e sociais (IFSC, 2020), as práticas pedagógicas desenvolvidas no decorrer do projeto caminharam para o questionamento reflexivo do que está posto e/ou imposto aos indivíduos em diversos contextos.

Nesse sentido, refletimos sobre alguns excertos dos/das respondentes, tomando como referência nosso primeiro eixo de análise – i) relação do compromisso social do IFSC com a transformação da realidade e redução das desigualdades sociais:

“Participar do projeto e conhecer a história de Carolina Maria de Jesus foi a experiência mais gratificante que tive durante os quatro anos no IFSC [...]. O “Quarto de despejo” me fez refletir e ver a sociedade em que vivemos de uma nova maneira, como a desigualdade social e racial afetaram nosso país e continuam afetando e que precisamos falar sobre isso” (PARTICIPANTE 1, 2020).

“Eu gostei de participar deste projeto porque através dele os alunos e todo o público que assistiu conheceu esta maravilhosa escritora e, principalmente, a vida dura de uma favelada, um exemplo de vida. E também tiveram a oportunidade de entrar em contato com a literatura marginal” (PARTICIPANTE 3, 2020).

“Foi uma experiência única que sacudiu profundamente nossa consciência da realidade social e nosso compromisso social com o IFSC e com a sociedade de modo geral” (PARTICIPANTE 4, 2020).

“Fiquei surpresa com a qualidade da apresentação, o engajamento de TAES, docentes e estudantes por meio da peça de teatro com uma temática muito importante na nossa sociedade” (PARTICIPANTE 7, 2020).

“Uma peça linda que promoveu a reflexão sobre diversos temas importantes para a nossa sociedade” (PARTICIPANTE 8, 2020).

Ante os relatos expostos, tomamos emprestada a questão levantada por Emir Sader ao prefaciar a obra: *A educação para além do capital*: “para que serve o sistema educacional – mais ainda quando público – se não for para lutar contra a alienação?” (SADER, 2008, p. 17). É nesse contexto que observamos a percepção crítica fomentada nos/nas participantes por meio dessa ação pedagógica – percepção que conduz a questionamentos sobre

as desigualdades sociais, o preconceito racial e a árdua rotina dos/das que vivem à margem da sociedade.

Trata-se de um movimento para ‘sacudir a consciência’ e pensar coletivamente como a educação é potencialmente capaz de contribuir para reflexões pujantes. Ao discorrer sobre o papel da escola na superação do problema das desigualdades, Saviani considera que “lutar contra a marginalidade por meio da escola significa engajar-se no esforço para garantir aos trabalhadores um meio da melhor qualidade possível nas condições históricas atuais” (SAVIANI, 2012, p. 31). Destarte, os indivíduos precisam ser conduzidos a essa tomada de consciência, e é a escola, sobretudo a escola pública – por meio de educadores/as comprometidos/as com a reparação histórica de processos excludentes – que vem resistindo, a duras penas, aos ataques do capital. A escola cumpre, assim, o seu papel social de formar cidadãos/ãs críticos/as capazes de agir no mundo e igualmente capacitados/as para questionar as desigualdades que os/as permeiam.

Além desses apontamentos, os relatos destacam a importância da inserção da literatura marginal – textos de escritores/as que estiveram à margem da sociedade – nos espaços escolares, para dar visibilidade a gêneros textuais de autoria de mulheres e homens negros/as que pouco são abordados/as nas instituições de ensino. Trata-se de reconhecer criticamente, por meio de uma história real, os processos históricos de exclusão aos quais as populações negras foram e continuam a ser submetidas. Realidade ratificada por Participantes 7 e 8, que consideram a obra de Carolina de Jesus como “*uma temática muito importante para nossa sociedade*”.

Compreendendo que o papel social do IFSC relaciona-se com o fazer pedagógico, damos sequência às nossas reflexões, esboçando, a partir dos relatos coletados, nossa segunda categoria de análise – ii) a práxis pedagógica formativa:

“O projeto me aproximou de alunos de outros cursos, módulos e até de docentes de uma maneira que eu não poderia sequer imaginar, fazendo-me conhecer um lado inspirador, criativo, artístico e amigo de cada um que se envolveu com o projeto” (PARTICIPANTE 1, 2020).

“Fui convidado pela coordenadora do projeto e pude contribuir com aspectos técnicos da peça (iluminação, sonorização, etc). Me senti honrado em participar de uma ação pedagógica tão transformadora. Sinto que a mensagem da autora (Carolina Maria de Jesus) reverberou de forma muito profunda em todas as pessoas que assistiram a peça, e especialmente dos alunos e servidores que participaram do projeto” (PARTICIPANTE 5, 2020).

“Contribuiu muito para a formação dos alunos que participaram e para o público que teve o privilégio de assistir” (PARTICIPANTE 8, 2020).

“Senti-me contemplado enquanto docente que busca trabalhar de forma crítica e emancipada” (PARTICIPANTE 11, 2020).

“Fazer parte desta peça me trouxe grandes aprendizados, como o trabalho em equipe, a dedicação, paciência de lidar com os ensaios e as aulas, organização para que uma coisa não atrapalhasse a outra, e principalmente, a compreensão a fundo, do que a peça estava disposta a passar ao público” (PARTICIPANTE 14, 2020).

Os relatos nos direcionam a refletir sobre a práxis pedagógica formativa que as ações do projeto proporcionaram. Trata-se de possibilitar uma formação crítica, com vistas a fomentar uma curiosidade epistemológica nos/nas estudantes (FREIRE, 2004), a partir de um trabalho pedagógico organizado numa “perspectiva multidimensional, como atividade intelectual, relacionada ao conjunto de práticas educativas que implica numa direção à produção do conhecimento, referenciada na práxis pedagógica” (LÉLIS & HORA, 2021, p. 8). Criou-se, assim, um diálogo estreitado entre os contextos formais e informais de formação dos/das educandos/das, favorecendo o seu desenvolvimento intelectual, tanto no âmbito pessoal quanto na perspectiva coletiva. Participante 8 afirma que a peça *“Contribuiu muito para a formação dos estudantes”*. Consideração similar à de Participante 14, que compreende que assistir à peça trouxe *“grandes aprendizados, como o trabalho em equipe, a dedicação”*.

Nessa perspectiva de análise, segundo o relato de Participante 1, o projeto possibilitou a interação de estudantes de ambos os cursos, demonstrando, dessa maneira, a possibilidade de certa dificuldade nessa interação, mas que, por meio da ação pedagógica realizada, foi possível vivenciar uma experiência articulada e colaborativa. Participante 1 destaca igualmente a sua proximidade com o corpo docente no desenvolvimento das atividades: *“O projeto me aproximou de alunos de outros cursos, módulos e até de docentes de uma maneira que eu não poderia sequer imaginar, fazendo-me conhecer um lado inspirador, criativo, artístico e amigo”*.

Tais afirmações nos colocam diante da reflexão acerca da dinamicidade que pode emanar do processo de ensino-aprendizagem, que – pautado pela construção de saberes emancipatórios – reverbera seus efeitos metamórficos conforme sugerido no fragmento a seguir: *“Me senti honrado em participar de uma ação pedagógica tão transformadora. Sinto que a mensagem da autora (Carolina Maria de Jesus) reverberou de forma muito profunda em todas as pessoas que assistiram a peça”* (PARTICIPANTE 5). A dramatização possibilitou, ainda, que docentes pudessem lançar um olhar reflexivo sobre sua própria atuação: *“Senti-me contemplado enquanto docente que busca trabalhar de forma crítica e emancipado”* (PARTICIPANTE 11).

Nesse viés, compreendemos que a emancipação se dá no respeito a liberdade e autonomia dos indivíduos, sendo antagônica a qualquer tipo de arbitrariedade e autoritarismo que requeira limitar ou impedir o processo democrático na construção humana, social e pedagógica dos sujeitos (FREIRE, 2015). A partir dessas reflexões entendemos que a instrumentalização de uma práxis pedagógica formativa poderá se desenvolver de forma criativa e participativa, além de contribuir para uma ação coletiva, consciente e organizada (PRADO & LIMA, 2016).

Apresentamos, na sequência, a terceira e última categoria de análise: iii) a arte como instrumento de abordagens pedagógicas transformadoras. A arte tem um poder de metamorfosear e gerar múltiplos efeitos na vida dos indivíduos. Ela sensibiliza, questiona, nutre e imprime memórias, mexe com os sentimentos, reflete a realidade, favorece a autoestima. Na escola, entre outros aspectos, a arte age no sentido de tirar o/a aluno/a do

papel de coadjuvante e torná-lo/la protagonista de sua própria história, conforme podemos observar nos relatos a seguir:

“Uma experiência incrível, de amor, conexão, aprendizagem e superação [...] A peça superou todas as nossas expectativas e felizmente, conseguimos passar com arte e verdade, uma história muito emocionante e real” (PARTICIPANTE 2, 2020).

“Assistir à peça oportunizou às minhas alunas (detentas do presídio feminino) que tivessem acesso a uma produção cultural que era inédita para muitas delas. Além disso, fomentou a discussão acerca da obra e da problemática vivida pela autora, sendo que muitas das alunas compartilham das mesmas situações retratadas no livro. A repercussão da peça durou por muito tempo e todas as alunas multiplicaram as experiências com outras colegas de confinamento. Através da peça assistida, um grupo de alunas solicitou que haja um grupo de teatro no presídio, projeto que ainda não se consolidou, mas certamente está nos planos” (PARTICIPANTE 9, 2020).

“Possibilitar o acesso a esse tipo de abordagem, por meio de temas polêmicos e atuais é uma maneira de garantir o protagonismo discente, ao mesmo tempo em que fomenta o pensamento crítico e reflexivo. A experiência, para mim, foi impactante e confirmou a capacidade que todos temos de nos expressar e dar vazão aos sentidos por meio da arte. Por mais valorização da arte! Por mais arte no IFSC! Por mais iniciativas dessa natureza!” (PARTICIPANTE 10, 2020).

“Vejo a arte como uma ferramenta riquíssima que pode possibilitar o desenvolvimento da consciência crítica dos alunos. Também vi como muito produtiva a atividade com o projeto nas Entrelinhas, que dialogou com a história de vida das mulheres em privação de liberdade. Penso que o projeto tenha tocado os alunos e participantes, e esse é o caminho principal da transformação” (PARTICIPANTE 11, 2020).

“Eu participei da peça, pra mim foi umas das coisas mais memoráveis que eu fiz no IFSC, a peça ‘quarto de despejo’ apresentou um poder de sensibilização muito forte através da sua abordagem teatral, mostrando cada sentimento que Carolina Maria de Jesus colocava em seus relatos. As coreografias trouxeram um ar ainda mais crítico para a peça, as músicas ‘canto das três raças’ e ‘O pobre e o rico’ pra mim, foram as mais impactantes, por abordarem fortemente questões sociais e raciais que enriqueceram a peça. [...] Concluo que a peça trouxe uma empolgação e uma alegria muito grande de estudar no IFSC, para mim é uma honra e um orgulho muito grande estudar nesse colégio e sem dúvida, uma das maiores bênçãos de Deus na minha vida” (PARTICIPANTE 12, 2020).

“A peça foi capaz de transmitir as principais ideias do livro de uma forma menos complexa e mais interessante. Acredito que todos os envolvidos na peça guardarão as lembranças das experiências que tiveram pra sempre; precisávamos entrar dentro do personagem para conseguir transmitir sua luta e dor para dentro da peça, todos nós conseguimos entender e sentir profundamente aquilo que estávamos apresentando” (PARTICIPANTE 13, 2020).

“Foi emocionante, participar e poder sentir o que é estar em um palco, fazendo algo que eu amo (dançar), e no fim, ter a gratificação, de ver essa mesma emoção nos olhos dos espectadores, que entenderam a importância do tema, através da arte que todos do grupo lutamos para realizar. Foi importante demais, pra mim e com certeza, será uma coisa que ficará marcada eternamente” (PARTICIPANTE 14, 2020).

Os relatos apontam que a abordagem pedagógica, ao recorrer às expressões artísticas, foi além da aquisição de conhecimentos técnicos, mostrando-se como um potencial

instrumento no processo de ensino-aprendizagem e de leitura de mundo. Alguns fragmentos ratificam essa perspectiva, como no caso de Participante 10, que afirmou ser a arte *“uma maneira de garantir o protagonismo discente, ao mesmo tempo em que fomenta o pensamento crítico e reflexivo”*, assim como Participante 12, que citou em relato *“eu tenho muito orgulho de ter cantado junto”*. Nota-se também seu sentimento de pertencimento ao espaço escolar: *“para mim é uma honra muito grande e um orgulho estudar nesse colégio”*. Tal afirmação contribuiu para o objetivo da ação pedagógica, o de fomentar nos/nas envolvidos/as o sentimento de pertencimento ao espaço escolar. Por esse motivo destacamos a importância de desenvolvermos ações que estimulem a criatividade e a iniciativa dos/das estudantes, sem que se abdique da iniciativa do/a professor/a e dos/das demais profissionais da educação. Faz-se necessário o fomento de práticas pedagógicas que considerem o espaço escolar como um lugar de diálogo reflexivo acerca das realidades que afligem a nossa sociedade (SAVIANI, 2012) e possibilitem que estudantes, professores/as e técnicos/as administrativos/as em educação desenvolvam o que é mais importante no contexto educativo: a *invenção* (SERRES, 1993) – que permitiu a autoria e a emancipação dos/das sujeitos/as em formação, em razão de que todos/as os/as que participaram desse processo demonstraram, por meio de seus relatos, um pouco de aprendizagem e de ensinagem.

A partir da afirmação de Participante 9, *“a repercussão da peça durou por muito tempo e todas as alunas multiplicaram as experiências com outras colegas”*, compreendemos o quão marcante foi refletir, por meio da arte, sobre a árdua vida de Carolina Maria de Jesus. Além disso, a troca de experiências vivenciadas possibilitou a geração de novos saberes. A arte manifestou seu impacto e sua potencialidade enquanto instrumento pedagógico, conforme o relato de Participante 10: *“A experiência, para mim, foi impactante e confirmou a capacidade que todos temos de nos expressar e dar vazão aos sentidos por meio da arte. Por mais valorização da arte! Por mais arte no IFSC! Por mais iniciativas dessa natureza!”*.

A reflexão sobre a valorização da arte como instrumento pedagógico implica problematizar outras questões que surgiram dessa ação pedagógica, como, por exemplo, a negligência da sociedade hegemônica e a negação que impõe às camadas populares periféricas, sobretudo ao povo negro, de acessar atividades culturais como a música, a dança e o teatro. É a própria Carolina Maria de Jesus que nos relata essa realidade: *“Eu escrevia peças e as apresentava aos diretores de circos. Eles respondiam-me: É pena você ser preta!”* (JESUS, 2014, p. 64). Sua arte reverbera mais do que nunca as desigualdades que a atingiram e que ainda permanecem em nossa contemporaneidade. Por isso, sensibilizar a comunidade escolar sobre essa realidade configura-se como processo de construção de memórias repletas de simbologias, de diálogo com a alteridade, de trazer à tona a dor dos/das invisibilizados/as. Ainda no relato de Participante 12, nos deparamos com a seguinte afirmação: *“Eu participei da peça, pra mim foi umas das coisas mais memoráveis que eu fiz no IFSC, a peça ‘Quarto de despejo’ apresentou um poder de sensibilização muito forte através da sua abordagem teatral, mostrando cada sentimento que Carolina Maria de Jesus colocava*

em seus relatos". Identificamos algo semelhante nos excertos a seguir: "acredito que todos os envolvidos na peça guardarão as lembranças das experiências que tiveram pra sempre" (PARTICIPANTE 13) e "Foi importante demais, pra mim e com certeza, será uma coisa que ficará marcada eternamente" (PARTICIPANTE 14).

Os relatos revelam-nos, ainda, que as expressões artísticas são compreendidas pelos membros da comunidade acadêmica como uma experiência de pensar e expressar o cotidiano de forma questionadora. Corroboramos, assim, a seguinte afirmação:

As expressões artísticas – porque são experiências vivas e criativas – ajudam a explorar, a aprender e reagir aos estímulos do meio envolvente e têm a capacidade para provocar o conhecimento de novas realidades e conduzir à reflexão social, porque promovem a transmissão de valores sociais, ajudam a remover as barreiras artificiais entre os indivíduos, propiciam oportunidades de tecer laços entre diferentes áreas temáticas e atuam como elemento catalisador nestes processos (CUNHA, 2015, p. 34).

Consideramos que as três categorias de análise discutidas nos apontam questionamentos que não daremos conta de responder neste artigo e direcionam-nos para reflexões futuras: o projeto por ora descrito não deveria ser um movimento constante no espaço escolar? Se não é, quais os motivos dessa negação? Quais seriam os impactos de uma formação pedagógica no contexto da educação profissional, que problematiza, por meio de expressões artísticas, as tensões da preparação para a atuação no mundo e a inserção no trabalho com toda a sua dialeticidade?

Considerações finais

Compreendemos que as ações do projeto de ensino não se limitaram ao desenvolvimento das expressões artísticas – teatro, música, dança e poesia – como um simples fazer. Antes, as atividades ampliaram-se para a compreensão crítica e reflexiva de outros saberes, a fim de que os/as estudantes encontrassem nessas expressões artísticas uma forma de se verem, de refletirem sobre seus contextos e, ao mesmo tempo, voltarem o olhar para o/a outro/a.

Embora o teatro seja pouco explorado pelos campi do IFSC, ele é, sem dúvida, uma atividade pedagógica que promove a socialização dos/das estudantes no ambiente escolar de forma positiva. Amplia o universo cultural e o desenvolvimento de diversas habilidades, como a interpretação e a produção de textos, a criatividade, a habilidade musical e também a potencialidade de motivar a comunidade acadêmica, aproximando professores/as, técnicos/as administrativos/as em educação, estudantes e familiares.

Os resultados e discussões apresentados ratificam que o fazer pedagógico precisa estar atento às realidades contemporâneas, a fim de contribuir para que a escola seja

um espaço amplo de discussão e reflexão acerca das discrepâncias que permeiam nossa sociedade, pois é nela que nossos/as estudantes estão inseridos/as. Trata-se, portanto, de uma abordagem que valorize o diálogo e as experiências que forjam nos caminhos da vida, lançando olhares acolhedores aos anseios juvenis, provocando-os à construção do conhecimento e ao desenvolvimento de um pensamento que não se conforme com as desigualdades ou qualquer tipo de preconceito. É possível caminharmos, assim, na perspectiva de uma escola pautada pela educação democrática, cidadã, laica, justa, gratuita, pública, antirracista e de qualidade social referenciada.

Os relatos nos permitem afirmar que a ação pedagógica contribuiu para o sentimento de pertencimento ao espaço escolar, propiciando integração, proximidade e coletividade entre os/as sujeitos/as envolvidos/as no projeto de ensino. Além disso, o presente artigo aponta para futuras ações e pesquisas, lançando-nos ao desafio de lutar por uma educação omnilateral. Ressaltamos que, em curto prazo, as atividades do projeto fomentaram a necessidade de planejarmos outras atividades culturais no campus, com vistas a favorecer o protagonismo estudantil e a compreensão de que o espaço escolar é um lócus de liberdade de pensamento, criatividade e propulsão para a emancipação dos indivíduos.

Consideramos, por fim, que as práticas pedagógicas contribuíram para que os/as participantes refletissem, avaliassem e construíssem outras dinâmicas de aprendizagem e formação. Além disso, a discussão sobre a miséria humana tornou-se ainda mais que relevante no contexto da pandemia da Covid 19, cujos efeitos devastadores foram e ainda são sentidos de forma mais acentuada pela população periférica, inserida num contexto histórico de desigualdades ainda não superadas em nosso país, que faz com que a obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* torne-se atemporal. Em suma, práticas pedagógicas como esta possibilitam a atores/atrizes sociais e educacionais a elaboração do pensamento reconstrutivo da aprendizagem e da invenção de uma outra educação, que implica na reiterada, amorosa, alegre e criteriosa construção da curiosidade epistemológica (FREIRE, 2004).

Recebido em: 06/10/2022; Aprovado em: 10/04/2023.

Notas

- 1 O livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada* teve sua primeira publicação no ano de 1960 e rapidamente alcançou sucesso de vendas, sendo traduzido para mais de 13 idiomas. Carolina Maria de Jesus foi descoberta pelo repórter Audálio Dantas, enquanto este fazia uma matéria sobre a favela do Canindé, extinta em 1961.
- 2 Ação desenvolvida em parceria com o projeto de extensão *Nas entrelinhas: mulheres, literatura e igualdade de gênero no presídio feminino de Itajaí*, também desenvolvido por servidores/as do campus Itajaí, com o objetivo de levar a literatura de mulheres ao presídio feminino do município.

Referências

- AZEVEDO, José Clóvis de & REIS, Jonas Tarcísio. *O ensino médio e os desafios da experiência*. São Paulo: Santillana/ Moderna, 2014.
- CORREIA, Ana Rita Figueira de Abreu. *A Pedagogia em Movimento*. Expressões Artísticas para uma ação educativa inovadora. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade da Madeira, Repositório Científico Digital da Universidade da Madeira, 2009.
- CUNHA, Maria José dos Santos. Expressões artísticas na educação: um desafio ao nível do desenvolvimento do aluno. *Revista de Estudos e Investigación en Psicología y Educación*, n. 04, p. 034-038, 21 oct. 2015. Disponível em: <<https://revistas.udc.es/index.php/reipe/article/view/reipe.2015.0.04.388>>. Acesso em: 05 out. 2022.
- FIGUEIREDO, Laura Maria de. Iluminação teatral em contextos escolares: uma proposta didática. *Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas*, [S. l.], v. 1, n. 37, p. 155-168, 2020. DOI: 10.5965/1414573101372020155. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101372020155>>. Acesso em: 23 jun. 2021.
- FRAGOSO, Francisco. A força do teatro... África [S. l.], n. 22-23, p. 351-353, 2004. DOI: 10.11606/issn.2526-303X.v0i22-23p351-353. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/africa/article/view/74883>>. Acesso em: 27 jul. 2022.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 30 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- FREIRE, Paulo. *Política e educação*. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- GEHRES, Adriana de Faria; BONETTO, Pedro Xavier Russo & NEIRA, Marcos Garcia. Os corpos das danças no currículo cultural de educação física. *Educação em Revista [online]*v. 36, e219772, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-4698219772>>. Acesso: em 23 jun. 2021.
- INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA. *Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2020-2024*. 2020. Disponível em: <<https://www.ifsc.edu.br/pdi-2020-2024>>. Acesso em: 15 abr. 2021.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014.
- JESUS, Carolina Maria de. *O pobre e o rico*. Rio de Janeiro: RCA Victor. LP *Quarto de despejo*, 1961 (intérprete Carolina Maria de Jesus).
- JESUS, Lucas Antônio Feitosa de; SANTOS, Juliana dos & ANDRADE, Luiz Gustavo da Silva Bispo. *Educação Profissional e Tecnológica em Revista*, v 3, nº 1, p. 71-86, 2019. Disponível em: <<https://ojs.ifes.edu.br/index.php/ept/article/view/378>>. Acesso em: 23 jun. 2021.
- KROPENISCKI, Fernanda Battagli & KUNZ, Elenor. Dança: caminho de possíveis (re)encontros com o brincar e se movimentar. *Movimento Revista de educação física*. Porto Alegre, v. 26, p. 26089, p. 15-17, dez. 2020. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/100260>>. Acesso em: 31 maio 2021.
- LÉLIS, Luziane Said Cometti & DA HORA, Dinair Lela. A organização do trabalho pedagógico na perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica. *HOLOS*, [S. l.], v. 8, p. 1-15, 2022. DOI: 10.15628/holos.2021.e13424. Disponível em: <<https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/13424>>. Acesso em: 15 set. 2022.
- LUKÁCS, Georg. Narrar ou descrever. In: LUKÁCS, Georg. *Ensaio sobre literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

MACAU. *Olhos Coloridos*. Letras, 2003. Intérprete: Sandra de Sá. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/sandra-de-sa/74666/>>. Acesso em: 05 out. 2022.

MALTAURO, Josiane Paula. A música na Educação Profissional: O currículo integrado do ensino médio ao ensino técnico. VI SIPOM, nº 4, 2016. Rio de Janeiro, RJ. *Anais[...]* Rio de Janeiro, RJ, 2016 Disponível em: <<http://seer.unirio.br/index.php/simpom/article/view/5679>>. Acesso em: 07 jun. 2021.

SADER, EMIR. Prefácio. In: MÉSZÁROS, István. *Educação para além do capital*. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

PRADO, Jeovandir Campos do & LIMA, Antonio Bosco de. Pedagogia histórico-crítica: uma discussão sobre a prática social docente no marxismo. X SEMINÁRIO NACIONAL DO HISTEDBR, 2016, Campinas, SP. *Anais[...]*, Campinas, SP, 2016. Disponível em: <<https://www.fe.unicamp.br/eventos/histedbr2016/anais/911.html>>. Acesso em: 18 jun. 2021.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia*. 42 ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 11.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

SERRES, Michel. *Filosofia mestiça*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

SILVA, Sidney da & PEIXOTO, Marcos Paulo de Jesus. *Rap da felicidade*. Intérpretes Sidney da Silva e Marcos Paulo de Jesus. Columbia Records, 1994 - RJ.

WEIGERT, Célia; VILLANI, Alberto & FREITAS, Denise. A interdisciplinaridade e o trabalho coletivo: análise de um planejamento interdisciplinar. *Revista Ciência e Educação*, v. 11, n. 1, p. 145-164, 2005. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-73132005000100012>>. Acesso em: 05 out. 2022.